

# Sarney fica sem dinheiro novo

13 NOV 1989

GAZETA MERCANTIL

por Getúlio Bittencourt  
de Nova York

Dois banqueiros com assento no Comitê Assessor de Bancos do Brasil afirmaram na sexta-feira a este jornal que dinheiro novo para o País só será discutido com o próximo presidente da República. Isso significa que o pedido do Ministério da Fazenda para prorrogação do prazo de saque da última parcela de dinheiro novo, US\$ 600 milhões previstos no acordo de 1989, não terá resposta dos bancos no governo Sarney.

O prazo legal venceu a 30 de setembro, e o governo brasileiro não teve como formalizar o pedido de desembolso porque o contrato prevê que o País precisa de um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que até agora não foi possível obter. Em tese esse dinheiro novo deixa de existir se não houver a formalização do saque.

"Mas a tendência geral parece ser a de deixar a questão em aberto para negociar com o próximo presidente brasileiro", disse um dos banqueiros. "Eu diria que o assunto não está morto", acrescentou. Nenhum deles deu uma expli-

cação detalhada sobre o adiamento do assunto. "Alterar o contrato implica aprovação de 95% dos bancos", limitou-se a dizer um dos banqueiros, "e simplesmente não haveria tempo para se fazer isso agora."

Como resultado da inexistência de um acordo com o FMI, os banqueiros se recusaram a liberar a última parcela de dinheiro novo; e como resultado das duas coisas, mais a proteção das reservas cambiais do País num ano de sucessão presidencial, o governo suspendeu o pagamento de juros no valor de cerca de US\$ 2 bilhões devidos aos bancos comerciais em setembro.

O desdobramento, agravado com as provisões contra perdas em empréstimos aos países menos desenvolvidos, produziu duros prejuízos nos balanços dos grandes bancos comerciais para o terceiro trimestre deste ano, assim como uma dramática queda de vinte pontos no valor de mercado dos títulos da dívida externa brasileira.

A J. P. Morgan & Co., holding que controla o Morgan Guaranty Trust, por exemplo, reconheceu perdas líquidas de US\$ 1,8 bi-

lhão no último trimestre. Em grande parte isso se deve ao aumento de US\$ 2 bilhões em suas reservas, hoje equivalentes a 100% de seus empréstimos aos países em desenvolvimento.

A receita líquida de US\$ 254 milhões em juros do Morgan "inclui o recebimento de US\$ 2 milhões em juros do Brasil no terceiro trimestre e de US\$ 62 milhões nos primeiros nove meses de 1989. Os juros de empréstimos de médio e longo prazo ao Brasil são registrados como receita somente quando o pagamento é concretizado", diz seu porta-voz John Morris.

"Caso o Brasil tivesse pago todos os juros devidos", acrescenta Morris,

(Continua na página 22)

O Fundo Monetário Internacional liberou na sexta-feira um empréstimo de US\$ 1,4 bilhão para a Argentina suportar a reforma econômica no país. O crédito será desembolsado em parcelas durante os próximos 16 meses e acredita-se que a parcela inicial será de US\$ 300 milhões. O conselho executivo da instituição aprovou o empréstimo depois de uma reunião de mais de três horas.

# Sarney fica sem dinheiro novo

13 NOV 1989

por Getulio Bittencourt  
de Nova York  
(Continuação da 1ª página)

“a receita líquida de juros teria sido cerca de US\$ 35 milhões a mais no terceiro trimestre deste ano, e US\$ 30 milhões no mesmo período do ano passado. A receita nos primeiros nove meses de 1989 teria sido US\$ 40 milhões a mais”.

Uma nota assinada pelos dois porta-vozes do Morgan, Morris e Kathleen Lynch Baum, observa que “o Brasil atrasou seus pagamentos de juros sobre empréstimos dos bancos comerciais desde julho de 1989 e afirmou que poderá atrasá-los ainda mais. Incertezas relativas a esses pagamentos levaram a J. P. Morgan, no terceiro trimestre de 1989, a classificar como ‘nonaccrual’ (em regime de caixa) aproximadamente US\$ 170 milhões dos empréstimos estendidos ao Brasil no plano de financiamento de 1989”.

O Manufacturers Hanover teve perdas de US\$ 789 milhões no terceiro trimestre, mas teria registrado um lucro de US\$ 91 milhões se não tivesse ampliado de 22% para 36% suas reservas contra empréstimos a países menos desenvolvidos. Os juros devidos pelo Brasil também só são registrados pelo banco em regime de caixa.

“No terceiro trimestre, pagamentos de juros totalizando US\$ 50 milhões eram devidos, mas não foram pagos por emprestadores brasileiros”, diz o porta-voz do “Many Hany”, John Meyers. O Banco, porém, já recebeu US\$ 70 milhões do País este ano. “O impacto negativo nos ganhos líquidos produzido pelo atraso de pagamentos do Brasil

foi de 17 pontos-base no terceiro trimestre e de 8 pontos-base nos primeiros nove meses deste ano, comparados com 22 pontos-base no ano passado”, afirma Meyers.

O Bankers Trust registrou perdas de US\$ 1,42 milhão no período, também devido em parte ao aumento de US\$ 1,6 milhão em suas reservas sobre empréstimos aos países em desenvolvimento, que agora cobrem 72% do total e 85% dos empréstimos de meio e longo prazo.

“Empréstimos de médio e longo prazo para emprestadores brasileiros continuam em regime de caixa durante o terceiro trimestre de 1989”, afirma o porta-voz do Bankers Trust, Thomas Parisi. “Receitas de juros são registradas apenas quando os pagamentos são feitos pelo Brasil. Durante o terceiro trimestre de 1989 e 1988 a corporação praticamente não reconheceu pagamentos em seu portfólio brasileiro.”

O Chase Manhattan divulgou perdas de US\$ 1,109 milhão no terceiro trimestre, também resultado em parte de US\$ 1,15 bilhão a suas reservas contra empréstimos a países menos desenvolvidos, que saltaram de 25% em dezembro de 1988 para 41% em setembro passado.

O Citicorp foi um dos raros “money center banks” a registrar lucro no período (US\$ 394 milhões), neste caso por não ter ampliado suas reservas de cerca de 25% sobre empréstimos ao Terceiro Mundo. Mas nesses lucros não há um único centavo pago pelo Brasil, conforme testemunha a nota de seu porta-voz John Maloney.